



QUADRINHOS E JORNALISMO: A IMPORTÂNCIA DO HÍBRIDO DE JOE SACCO PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Lucas Lins Viveiros¹

Anna Kelma Gallas²

Faculdade Santo Agostinho - PI

RESUMO

O surgimento de linguagens híbridas, torna-se mais comum a cada dia, principalmente na área da comunicação. A união entre os critérios e normas do jornalismo tradicional com o lúdico e criativo mundo das histórias em quadrinhos - HQs, fez nascer o gênero híbrido Jornalismo em Quadrinhos - JHQ. A partir de pesquisas em Moya, Acevedo, Cagnin e McCloud, analisam-se as principais características desse novo gênero, provando que o JHQ, é e pode ser considerado como gênero jornalístico, tendo como foco principal algumas das obras, como Palestina - Uma nação ocupada (2000), do jornalista e quadrinhista maltês, Joe Sacco, pioneiro desse hibridismo.

Palavras-chave: Gênero Jornalístico, Jornalismo em Quadrinhos, Arte Seqüencial, Joe Sacco.

1. INTRODUÇÃO

O jornalista e cartunista maltês, naturalizado norte-americano Joe Sacco, no livro “Palestina – Uma Nação Ocupada”, publicado no final da década de noventa, descreve a saga de “uma terra sem povo” ou de “um povo sem terra” que vive conflitos aterrorizadores. Como quadrinista, e no intuito de conferir um maior realismo, o autor utiliza-se de recursos fotográficos para então reproduzi-los em ilustrações caricaturais (traço esquemático e suas hachuras desenhadas à mão), com um estilo que se aproxima das charges de jornal, não perdendo a fidelidade das

Objetiva-se contextualizar, neste artigo, o desenvolvimento das Histórias em Quadrinhos – HQs - como forma de produção jornalística, por meio de conceitos e transformações ocorridas no decorrer das diversas gerações. Visa-se, ainda, reconhecer

¹ Trabalho apresentado ao Intercom categoria Intercom Júnior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Formando em Comunicação Social habilitação Jornalismo pela Faculdade Santo Agostinho/ Piauí

³ Mestre orientadora do curso de Comunicação Social- Jornalismo da Faculdade Santo Agostinho

a importância da linguagem visual seqüenciada como veículo de comunicação do cotidiano. A sedução da imagem fez com que o Jornalismo em Quadrinhos - JHQ - surgisse representando uma comunicação experimental e alternativa com grande potencialidade de relato e registro de fatos do dia-a-dia ou históricos.

2. JOE SACCO: UM JORNALISTA QUE FAZ QUADRINHOS

Ao criar uma forma única de produção de reportagem, o cartunista maltês Joe Sacco – norte-americano naturalizado - uniu as HQs, o jornalismo e a fotografia, dando vida aos quadrinhos como um novo gênero jornalístico, o JHQ:

[...] Sacco ‘inventou’ o que podemos chamar de novo gênero no jornalismo: a reportagem em quadrinhos. O ‘pai’ do novo estilo trabalha conceitos comuns utilizados pelos repórteres, no seu caso, aproximando-se do estilo new journalism norte-americano (ou por que não dizer um novo estilo dentro do estilo new journalism?). O que ele faz é, ao invés de transformar o material em texto jornalístico, transformá-lo em história em quadrinho. (NEGRI, 2003, p.3).

Especialista na elaboração de grandes reportagens visuais, principalmente em zonas de conflito como na Palestina e Faixa de Gaza, Joe Sacco foi premiado diversas vezes por sua criatividade, mas notabilizou, também, por seu envolvimento pessoal no projeto de mostrar a realidade cruel das pessoas que vivem naquelas zonas de guerra, sem ceder à tentação do sensacionalismo.

A partir de Sacco, o JHQ tornou os fatos do cotidiano e a realidade das pessoas um de seus principais temas, mas sempre mantendo vivas as características próprias do Jornalismo. Para Dutra (2003, p.02), “uma mudança mais palpável só veio mesmo com as HQs de Sacco de conteúdo mais jornalístico. Agora sim, era inequívoco que aquilo não era nem poderia ser confundido com uma obra de ficção.”



Figura 34 – Joe Sacco:
auto-caricatura

3. UM BREVE HISTÓRICO...

Joe Sacco nasceu em 1962 em Malta, passou a infância na Austrália até completar onze anos, quando sua família mudou-se para os Estados Unidos. É formado em Jornalismo pela Universidade do Oregon.

Quando criança desenhava quadrinhos com a irmã, mas nunca cogitaria uma carreira de cartunista até publicar



com um amigo a revista de humor *Portland Permanent Press*, onde apareceram suas primeiras HQs.

Mais tarde editou para a Fantagraphics, a antologia *Centrifugal Bubble Puppy*, que incluía quadrinhos seus e de outros artistas como Lloyd Dangle e JR Williams. Publicou sozinho a revista *Yahoo*, que mais tarde teria seis números lançados também pela editora Fantagraphics.

Palestina foi seu primeiro projeto longo na linha que segue até hoje, de “jornalismo em quadrinhos”. Depois publicou na revista *Zero Zero* a história “Natal com Karadzic” e, pela editora *Drawn & Quartely*, o livro *Soba*, ambos baseados em sua viagem à Bósnia, entre 1995 e 1996.

O incômodo gerado pela impotência de estar assistindo a uma TV, noticiando guerras e mortes, e saber que está muito distante para fazer algo, foi o que motivou Joe Sacco a viajar para lugares conflituosos e retratá-los do ponto de vista de quem vive naqueles lugares:

Em 1991, quando ocorreu a Guerra do Golfo Pérsico, o quadrinista assistia aos noticiários de guerra como quem acompanha uma telenovela. Passando por alguns conflitos internos (entreter-se com o sofrimento alheio), produziu a HQ *Como amei a guerra* (2006, p.159-191), durante a qual, ao perguntar a um árabe se não seria cinismo de Saddam Hussein ligar a invasão do Kuwait à questão palestina, obteve como resposta: “Sim, mas ele é o único que fala a nosso respeito” (p.170). Foi um passo para a decisão de viajar ao Oriente Médio e retomar o jornalismo, dando início às entrevistas que originaram *Palestina, uma nação ocupada* (2004). (OLIVEIRA, 2007, p.07).

A maior característica de Joe Sacco é a vivência do fato, é o “estar dentro da notícia” ou “in loco”. Estar no local onde acontecem as guerras e conflitos, faz de Sacco um típico jornalista gonzo, conforme será melhor discutido a seguir. O autor prepara a reportagem baseado no que ouve, nas histórias de pessoas comuns que estão dentro do fato. Mas o que mais o diferencia de qualquer outro repórter, é que ele convive, estuda, viaja, colhe depoimentos mais profundos das pessoas, ao invés somente de reportar o que “aparentemente” está acontecendo naqueles locais, como faz um repórter de TV. ARBEX (apud OLIVEIRA, 2007, p.08), a respeito desse tipo de posicionamento, comenta que:

[...] os quadrinhos de Sacco dão “visibilidade aos árabes invisíveis” ao mostrar um grupo social que não tem voz na mídia e, quando aparece, tem sua imagem relacionada ao fundamentalismo religioso. No entanto, conforme pontua Arbex, o quadrinista-repórter não faz um “panfleto palestino”, mas sim mergulha nas histórias de vida narradas e extrai delas o sentimento dos palestinos que vivem em meio aos conflitos [...]



Figura 35 - O repórter “gonzo” vivendo a própria notícia

Nas obras de Joe Sacco, percebe-se que o estilo detalhista e em alguns momentos, a dramaticidade presentes em seus desenhos, torna a linguagem muito mais próxima do real, ainda mais do que possível pela TV.



Fig. 36 – Cenas com carga dramática que sensibilizam o leitor.

Sacco não busca fazer seus desenhos de forma que se distanciem da realidade; na verdade, ele procura desenhar de forma caricatural, para assim conseguir um tom mais realístico para suas obras. Para Oliveira (2003, p. 07), “[...] uma característica marcante do estilo de Sacco: os rostos dos personagens, mais próximos às feições humanas do que ocorre nos quadrinhos em geral. [...] são mais um elemento que expressa o olhar e a opinião do autor sobre os entrevistados [...]”.

Algo curioso é a ausência de cores nas HQs de Sacco. O uso de apenas recursos do preto e branco pode gerar algum estranhamento em leitores acostumados a obras em que a colorização confere um pouco mais de impacto aos desenhos. Nas obras de Sacco, o P&B realça a dor, a dramaticidade, a falta de graça da guerra. Em casos de extrema violência, como por exemplo, em cenas onde aparecem sangramentos, o vermelho poderia dar mais realidade à cena, mas Sacco não vê desta forma; ele escolheu essa não utilização de cores, justamente por acreditar que o preto e o branco, por seu poder de contraste potencializam a essência da cena, distintos das inúmeras nuances de cores que a dispersam.

Neste estilo *grayscale*, considera-se também o clima melancólico que retrata a tristeza e as dificuldades que as pessoas daqueles lugares de conflitos enfrentam, e por fim, os custos e a rapidez de produção de uma HQ em preto e branco são bem melhores, mais acessíveis.

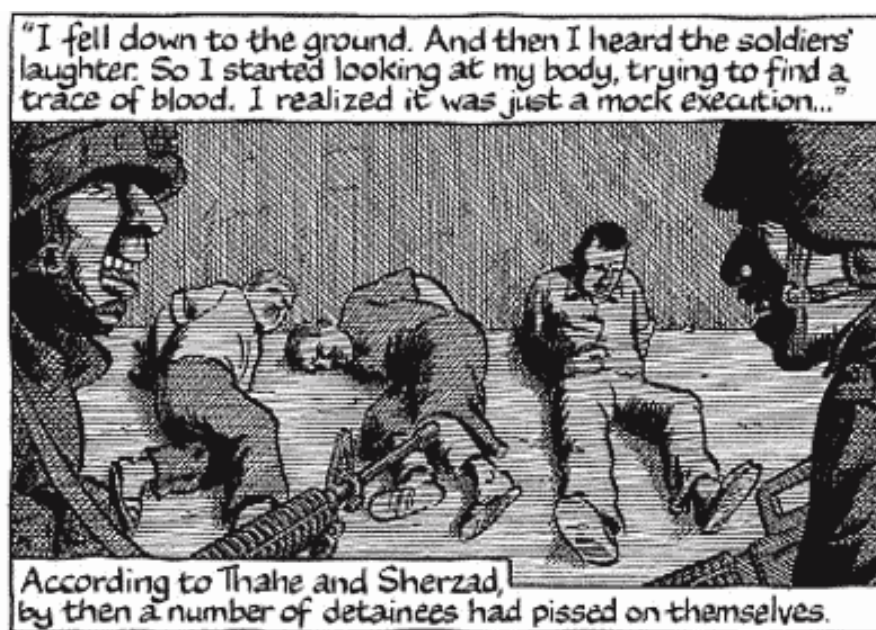


Figura 37 - A fúria dos opressores e suas vítimas são ressaltados pelos tons de cinza

4. MÉTODO JORNALÍSTICO DE JOE SACCO

Como todo jornalista, Joe Sacco também tem seus métodos para captar, selecionar, checar e registrar a notícia. Para registrar as informações, por exemplo, Sacco usa um singular bloquinho de notas, onde este anota pontos importantes das histórias que irá retratar (ou desenha as cenas), além de uma máquina fotográfica (utilizada como base para seus desenhos). O bloquinho está sempre visível nas cenas em que Joe Sacco entrevista alguém, ou anota alguma informação importante sobre a história dos lugares em que visita.



Figuras 39 e 40 - A utilização do bloquinho, uma das características jornalística no JHQ



O uso da máquina fotográfica é bastante necessário para que Sacco possa registrar em seus desenhos, os detalhes de cenários, objetos, pessoas e etc. Ele mesmo conta, durante uma entrevista ao jornal Folha de São Paulo, a importância de se ter a mão uma câmera, como um dos elementos fundamentais para o registro de uma boa matéria jornalística “Basicamente, trabalho como um jornalista quando estou ‘em campo’ tomando notas, fazendo entrevistas. E eu tiro muitas fotos. Servem como referência visual quando volto para a prancha de desenho” (SACCO, 2001, S/P).



Figura 41 - Sacco em cena: registrando o fato em seu momento de acontecimento

Em muitos pontos da história, é possível ver Sacco entrevistando pessoas dos dois lados do conflito, que é uma regra típica do Jornalismo, porém é possível perceber o posicionamento crítico do autor, visivelmente à favor das vítimas da guerra e não dos soldados e das nações predominantemente bélicas:

[...] Ao contrário do enfoque reducionista do jornalismo informativo cotidiano, a reportagem prima por uma visão pluridimensional do fato. Nesse aspecto Joe Sacco se sai muito bem. Em sua obra não há ‘mocinho’ e ‘bandido’, todos podem ser vítimas e algozes dependendo do momento [...] (NEGRI, 2003, p.06)



Figura 42 - Sacco entrevistando um soldado americano, que apesar de sua posição é mostrado como vítima da guerra



Figura 43- Joe Sacco conversando com vítimas da opressão militarista

Sacco usa o método do new journalism – especialmente do Gonzo – para se colocar constantemente na cena, ao contrário do Jornalismo clássico, em que o repórter desaparece e evita dar sua opinião:

A presença constante do repórter como personagem em Palestina leva pesquisadores [...] a classificar a reportagem como jornalismo gonzo em quadrinhos. Embora a obra de Sacco possua algumas características em comum com o jornalismo gonzo [...] não apresenta traços marcantes do gênero como sarcasmo e vulgaridade, alteração de consciência e uso de elementos ficcionais. As outras características citadas pelo autor como uso criativo da linguagem e descrição extrema de situações, originam-se do Jornalismo Literário, precursor do gonzo. (OLIVEIRA, 2007, p.07)



Finalmente, é possível ainda discutir um aspecto da obra de Joe Sacco, a superação da objetividade e da imparcialidade, dois dos conceitos mais caros ao jornalista. Sacco vai se contrapor a essa noção de jornalismo distanciado: pelo contrário, ele se coloca intimamente em contato com as pessoas sobre as quais retrata – vive, anda, come com elas, sente a sua dor. Ao contrário dos modelos praticados na imprensa – o do jornalista distanciado e emocionalmente ausente – Sacco revela-se como ator político, com posicionamentos firmes sobre os fatos que retrata, mas sem radicalismo, dando oportunidade do leitor de ver o “outro” lado, como pensam e agem os possíveis algozes e suas vítimas.

5. SEGUIDORES E CONTEMPORÂNEOS DE JOE SACCO

Como já foi apresentado, alguns trabalhos contemporâneos em quadrinhos, mesmo sem nenhuma intenção jornalística, acabaram por fazer ótimas reportagens, como “Maus”, “Persépolis” e “Gen”. A diferença está em um detalhe: os autores dos quadrinhos apresentados neste tópico, não escolheram participar das histórias que contam; todos eles apresentam suas próprias vivências reais ou de suas famílias, ou, ainda, quando resolveram retratá-las de forma inovadora, por meio dos quadrinhos.

Nesse caso, é onde existe uma diferença notável entre as HQs “Maus”, “Persépolis” e “Gen” com as obras de Joe Sacco e outros de seus “discípulos”. Sacco e seus sucessores, não tiveram experiências de vida como Satrapi ou Spielgerman, relacionadas às histórias que contam nos quadrinhos. Na verdade, eles escolheram passar por essas vivências, buscando criticamente divulgar o horror e a dificuldade das pessoas que vivem nessas áreas de guerra, e que muitas vezes não tem nada a ver com tais conflitos.

Um dos mais conhecidos discípulos de Joe Sacco, é Didier Lefrève, um fotógrafo francês que desde 1986 acompanha equipes dos Médicos Sem Fronteiras (MSF) por áreas como o Afeganistão, atingidas por confrontos e guerras.

Lefrève não é jornalista como Joe Sacco, é fotógrafo, mas consegue retratar bem o que acontece nessas áreas, mesmo sem algumas características que só um jornalista poderia adicionar, como faz Sacco. No entanto, sua obra se torna bastante interessante (por muitas vezes até mais que os livros de Sacco), justamente pelo uso das fotografias nas páginas dos seus livros, quando mistura fotos seqüenciadas e desenhos para contar assim um fato.



Na seqüência abaixo, por exemplo, Lefrève expõe os fotogramas de seu registro da vida cotidiana dos afegãos, fotos estas que vão inspirar o desenhistaO método do autor é justamente transpor o registro hiperreal para as imagens mais sensíveis pela ótica do desenhista, conforme observa-se no quadro seguinte:



Figura 44 - Fotogramas de Lefrève, utilizados em junção aos desenhos.

No quadro abaixo, Lefrève mescla fotografias com os desenhos, muitas vezes transformando as próprias fotos em figuras, expondo o seu método, inclusive, se auto-retratando:



Figura 45 - Alternância entre fotos e desenhos: métodos de Lefrève



Figura 46 – Lefrève e seu auto-retrato: métodos que o inserem na cena

Rocha define bem o que é buscado como autores como Sacco e Lefrève, citando na obra do fotógrafo, a importância deste novo gênero jornalístico para a divulgação da mensagem informativa:

[...] Pouco se sabe no Ocidente sobre a vida do cidadão comum no Afeganistão. E o pouco que se sabe é frequentemente o reflexo de estereótipos maniqueístas e propagandistas. Por isso a importância de obras como esta, que mostram que, por trás de rótulos fabricados por chefes de estado de países distantes, há indivíduos, com rostos, nomes, aspirações e medos. Diante do reducionismo obstinado da imprensa ocidental para com o povo afegão, esta obra dá ao leitor a possibilidade de percorrer, com realismo e bom-humor, um Afeganistão ignorado e esquecido e conhecer mais sobre um povo extremamente hospitaleiro, generoso e visivelmente marcado por décadas, para não dizer séculos de invasões, conflitos e perdas. O *Fotógrafo* ilustra de forma sensível e lúdica momentos da única batalha que verdadeiramente vale a pena: aquela por um mundo mais solidário, e tolerante, ainda que isso represente atravessar durante meses as montanhas geladas do Afeganistão [...] (ROCHA, 2006, p.02)

É cabível perceber, portanto, que para o jornalismo uma nova modalidade de contar o fato, iniciou-se com o Jornalismo em Quadrinhos, o JHQ. Essa vertente nada convencional do meio jornalístico busca aproximar ainda mais o espectador da notícia



para uma representação muito mais próxima do real, do que é mostrado em outros meios de comunicação. Isso é possível por conta da grande riqueza de detalhes, como os desenhos e falas das personagens (que aqui não são fictícias), não esquecendo também, que uma obra adaptada para os HQs, torna essa obra lúdica e interessante de ser lida, não afastando os leitores dos livros, mas os deixando com mais vontade de ler, depois que conheceram o deslumbrante canal para a leitura, chamado HQ.

Todas as obras mostradas neste trabalho, com métodos e características jornalísticas ou não, convergem para um só sentido: mostrar a qualquer leitor de HQ que as produções jornalísticas podem e devem ser feitas em forma de quadrinhos, já que a HQ se mostra bastante versátil e válida em qualquer meio comunicacional. A fidelidade às histórias reais, proporcionam aos quadrinhos, um salto do fictício para o realístico, sendo assim também reconhecido e apto a retratar qualquer fato tornando-o jornalisticamente veiculável. Portanto, o formato das HQs, é cabível como forma jornalística e assim deve ser considerada como tal.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. [2ª ed] São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- McCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995. P. 217.
- MOYA, Álvaro de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1970.
- MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- NEGRI, Ana Camilla. Um **novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.
- OLIVEIRA, Ana Paula Silva. **Joe Sacco: Jornalismo Literário em quadrinhos**. Campinas: PUC, 2007.
- ROCHA, Simone. **O Fotógrafo** – Uma história no Afeganistão – São Paulo: Conrad, 2001
- SACCO, Joe. **Área de segurança Gorazde – a guerra na Bósnia Oriental – 1992-1995**. São Paulo: Conrad, 2001.



SACCO, Joe. *Natal com Karadzic*. In: **Comic Book – o novo quadrinho norte americano**. São Paulo: Conrad, 1999.

SACCO, Joe. **Palestina – uma nação ocupada**. São Paulo: Conrad, 2000.

SACCO, Joe. **Palestine – in the Gaza Strip**. Seattle: Phantagraphics Books, 1996.